

CAMPOS MODERNOS

A natureza encontra refúgio nas reservas particulares



FOTO: LUCIMAGENS

Cada vez mais, os produtores rurais assumem um compromisso com a conservação do meio ambiente, transformando parte de suas propriedades em Reserva Particular do Patrimônio Natural, RPPN. Prova disso é que em apenas um ano foram estabelecidas cerca de 300 novas unidades desse tipo no país. Governo, empresas privadas, organizações não-governamentais e entidades ligadas à defesa do meio ambiente comemoram a ampliação das áreas protegidas. A sociedade atual e as gerações futuras são as beneficiadas com a iniciativa desses guardiões da natureza.

As RPPNs são unidades de conservação privadas criadas por iniciativa dos proprietários de terras. Regulamentadas por legislação federal em 1990, elas somam, atualmente, 530,27 mil hectares. Em número, as reservas particulares são 714, sendo que 467 delas estão estabelecidas em regiões de Mata Atlântica, e outras 131 de Cerrado – biomas estes considerados *hotspots* – ou seja, riquíssimos em biodiversidade e seriamente ameaçados de desaparecimento. “As RPPNs são instrumentos importantíssimos para a conservação ambiental. Boa parte das áreas de Mata Atlântica, hoje preservadas, foram mantidas por iniciativa dos proprietários de terras. É uma RPPN que

pode garantir a conectividade entre unidades de conservação”, ressalta o coordenador do programa de Gestão de Ecossistemas, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Ibama, Bernardo Brito.

No Paraná estão localizadas cerca de 30% das reservas particulares. O Estado foi pioneiro na criação de instrumentos legais para a implementação das RPPNs e guarda incentivos a quem abraça uma unidade desse tipo, como o ICMS Ecológico (5% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços é entregue aos municípios que abrigam unidades de conservação ou mananciais de abastecimen-

to público). Parte do tributo é repassado aos proprietários para arcarem com despesas de manutenção da reserva.

Segundo o presidente da Confederação Nacional de RPPN, Alexandre Martinez, outras federações vêm seguindo os passos do Paraná. “Mato Grosso do Sul e Minas Gerais devem ser os próximos a instituir mecanismos de fomento semelhantes ao ICMS Ecológico”, afirma. No âmbito federal, são assegurados benefícios como isenção do Imposto sobre Propriedade Rural, ITR, referente à área da RPPN, prioridade na análise dos projetos pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente, FNMA, e preferência na análise de pedidos de crédito agrícola, junto às instituições oficiais de crédito.

O CAMINHO QUE LEVA À AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

A criação da RPPN é um ato voluntário. O proprietário deve procurar a Gerência Executiva do

Ibama de sua região e solicitar a transformação do terreno em reserva. Bernardo esclarece que não há restrições com relação ao tamanho e à região da possível RPPN. A área também não precisa, necessariamente, estar totalmente intocada, pois parte dela poderá ser destinada à recuperação. “A regulamentação pode sair em 40 dias, caso a documentação esteja de acordo com o que pede o Ibama”, diz o coordenador.

Dentro dos limites da RPPN são permitidas apenas atividades econômicas sustentáveis, como ecoturismo, além de pesquisa científica e de ações de educação ambiental. Técnicos do Ibama orientam os proprietários sobre o gerenciamento da reserva e ajudam na implementação de um plano de manejo, que varia conforme a destinação da área. Tudo é planejado de forma a não comprometer o equilíbrio ecológico ou colocar em perigo a sobrevivência das populações de espécies existentes no local.

Como fazer a sua parte A instrução normativa, contendo todos os procedimentos para a criação de RPPNs, foi publicada em 4 de janeiro. Para maiores informações, acesse a página do Ibama (<http://www.ibama.gov.br/siucweb/rppn>), ou entre em contato com o órgão por telefone (61) 3035-3478 ou e-mail: rppn.sede@ibama.gov.br. Lembrando que para conservar ainda mais a biodiversidade local, é importante conversar com seus vizinhos e, sempre que possível, deixar as reservas em áreas próximas ou contínuas. Desta forma, evita-se o isolamento da fauna e promove-se o enriquecimento da natureza nas propriedades.

Balanco divulgado no início de fevereiro pela Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína, Abipecs, revela que as exportações de carne suína *in natura* e industrializada registraram em janeiro elevação de 4,97% em relação a igual período do ano anterior, saltando de 36,30 mil toneladas para 38,11 mil t.



LUZ/IMAGENS

O governo brasileiro, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, prevê investir em 2007 R\$ 1 bilhão para implementar a Política de Desenvolvimento da Biotecnologia, lançada no dia 8 de fevereiro. A previsão é de que em dez anos os investimentos no setor cheguem a R\$ 10 bilhões.



LUZ/IMAGENS

BOA PROSA



RAQUEL GUEDES

O cordeiro invade a mesa dos brasileiros

A ovinocultura brasileira está recuperando o fôlego, estimulada pelo aquecimento nas vendas de carne de cordeiro, animal abatido com até um ano de idade. O rebanho nacional, que sofreu forte retração no período entre 1990 e 2000 – de cerca de 20 milhões caiu para 14,7 milhões – terminou 2006 com cerca de 16 milhões de cabeças. “O crescimento do rebanho e da produção, verificado nos últimos anos, é decorrente do interesse pela carne de cordeiro, principalmente nos grandes centros urbanos, como São Paulo”, afirma o presidente da Associação Paulista de Criadores de Ovinos, Aspaco, Arnaldo dos Santos Vieira Filho.

De sabor delicado, o cordeiro é uma tradição em países como França, Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia – neste, o consumo anual por habitante chega a 36 quilos. “No Brasil, o consumo per capita varia de 700 gramas a um quilo por ano. Temos ainda muito espaço para conquistar”, diz Arnaldo. Segundo ele, a elevação na demanda do produto tem incentivado a formação da agroindústria da carne de cordeiro, com frigoríficos especializados. Esse promissor segmento está agora diante de dois desafios: fazer crescer e regularizar a oferta – estima-se que 60% do cordeiro consumido no país seja importado, especialmente do Uruguai –, e criar um padrão de qualidade e sanidade para a carne nacional.

Cordeiro assado com alho e tomilho

Ingredientes: 1 pernil de cordeiro de 2 kg; 4 cabeças de alho; 2 colheres (sopa) de mostarda; 2 colheres (sopa) de tomilho seco; 1/2 xícara (chá) de vinho tinto seco; 1kg de batatas pequenas descascadas; sal e pimenta-do-reino a gosto.

Preparo: amasse duas cabeças de alho com a mostarda, o tomilho, o sal e a pimenta-do-reino e espalhe sobre o pernil. Coloque a carne em uma assadeira e regue com o vinho. Leve ao forno médio por três horas, ou até que esteja totalmente assado. Se necessário, acrescente água aos poucos, no fundo da assadeira, para não ressecar. Cerca de 45 minutos antes de a carne ficar pronta, coloque as batatas inteiras e o restante do alho (partido ao meio) para assar, juntamente com o pernil. Se necessário, cubra com papel alumínio para não ressecar a carne. Assim que as batatas estiverem macias, arrume-as em uma travessa, com o alho e o pernil. Sirva em seguida.

Rendimento: 8 porções.

Fonte: Revista Água na Boca



SEU CONSULTOR

CLAUDIOMAR BAIACK

Coordenador de Serviços Agronômicos

Mais eficiência na adubação fosfatada. Resultados mais satisfatórios na lavoura.

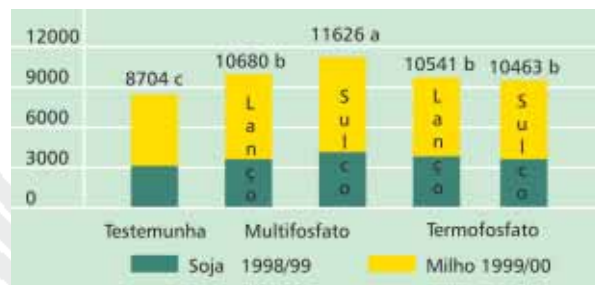
Al falar em eficiência da adubação fosfatada podem surgir inúmeras dúvidas, pois é grande a dificuldade de avaliar a disponibilidade do Fósforo (P) no solo. Pesquisadores têm relacionado a dificuldade ao fato da maioria dos solos apresentarem baixos teores desse elemento. Outra explicação é que ele reage com componentes do solo, como o Ferro e o Alumínio, formando compostos de baixa solubilidade – processo conhecido como fixação de P. Como consequência, a disponibilidade de Fósforo cai significativamente, ocasionando perdas de produtividade.

Prática fundamental para reduzir as perdas por fixação do Fósforo ao Ferro e ao Alumínio é a cala-

gem, que eleva o pH do solo, e deixa o ambiente favorável ao desenvolvimento das plantas. O sistema de plantio direto também traz bons resultados, pois contribui para o aumento da matéria orgânica, diminuindo o contato do P com as substâncias fixadoras, e melhorando a eficiência da adubação fosfatada.

A indústria de fertilizantes também buscou alternativas para melhorar a eficiência da adubação fosfatada. Nos anos 1980, norteada por princípios agronômicos específicos dos solos brasileiros, a Bunge desenvolveu o Multifosfato Magnésiano, uma fonte de fósforo exclusiva, que permitiu o lançamento da linha de fertilizantes Fosmag, da marca Manah.

FOSMAG APLICADO À SOJA E AO MILHO



FOSMAG APLICADO À SOJA

Tratamento	Produção de grãos – kg/ha Média % l			
	1995/96	1996/97	1997/98	1998/99
Multifosfato Magnésiano	4.470	2.792	3.362	3.227
Hiperfosfato	3.781	2.510	3.204	3.204
Fosfato Natural Reativo	3.700	2.587	3.262	3.013
Superfosfato Simples	4.277	2.573	3.178	3.005
Termofosfato	4.092	2.423	3.059	2.981
Sup. Simples Parcelado	3.751	2.493	3.193	2.745
Testemunha	3.233	2.351	2.638	2.337

* Superfosfato Simples Parcelado em cinco anos (30 kg P2O5/ha/ano).

A Embrapa Soja acaba de lançar o **Manual de Identificação de Plantas Daninhas da Cultura da Soja**. O documento, com 114 páginas, traz foto e descrição detalhada das plantas daninhas encontradas nas lavouras de soja. Mais informações podem ser obtidas no site da Embrapa — www.embrapa.br.



PULSAR IMAGENS

A indústria de máquinas agrícolas comemora o desempenho registrado em janeiro deste ano, quando a venda de **colheitadeiras** superou as expectativas: foram comercializadas 191 unidades, que equivalem a um aumento de 11% sobre o total contabilizado no mesmo mês de 2006, quando foram vendidas 156 máquinas.



PULSAR IMAGENS

O Fosmag contém fósforo de liberação gradual, o que reduz a sua fixação. Pesquisas de entidades nacionais e internacionais constataram a maior eficiência do fósforo do Fosmag em relação às outras fontes disponíveis no mercado. A inovação proporcionou melhor aproveitamento dos recursos naturais (jazidas de Fósforo) e incrementou a produtividade da agricultura brasileira.


ESTUDOS COMPROVAM A EFICIÊNCIA

Trabalho realizado, durante cinco anos, com a cultura de soja na Cooperativa Agroindustrial Mourãoense, avaliou a performance na prática da fosfatagem das fontes de Fósforo mais usadas. O Multifosfato obteve a melhor produtividade na média do período, e em todos os anos apresentou produtividade superior às demais fontes.

Os tratamentos consistiram na aplicação de 150 kg/ha de P_2O_5 proveniente de cada uma das fontes de Fósforo. As adubações na semeadura em todas as safras foram iguais para todos os tratamentos (veja tabela).

Rel.	1999/00	kg/ha	sc/alq	Test.
	2.132	3.197	129	135
	2.071	2.954	119	124
	2.050	2.922	118	123
	1.423	2.891	117	122
	1.939	2.899	117	122
	1.756	2.788	112	117
	1.313	2.374	96	100

Juntamente com a Embrapa Agropecuária Oeste, a Fundação Chapadão, de Chapadão do Sul (MS), avaliou o Multifosfato Magnésiano e o Termofosfato, ambos aplicados ao sulco e ao lanço nas culturas de soja e milho. A dosagem foi de 80 kg/ha⁻¹ P_2O_5 e 80 kg/ha⁻¹ K_2O para ambas as culturas. No milho, além de Fósforo e Potássio, foram utilizados 100 kg/ha⁻¹ de Nitrogênio. Nas duas formas de aplicação, o Fosmag se mostrou superior. Confira o rendimento acumulado de milho em função da adubação fosfatada, na figura da página 2.

Além das culturas de grãos, o Fosmag foi testado no cultivo da alface por pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Foram avaliadas as principais fontes de Fósforo, em solo de Cerrado e na presença de calagem, visando o aumento da produtividade. Segundo os responsáveis pelo teste, os efeitos positivos do Fosmag sobre a produtividade da alface, provavelmente, devem-se ao fato do Fósforo estar sob uma forma disponível, solúvel em CNA + água, porém com liberação gradual, características específicas do fertilizante, diminuindo a fixação do Fósforo, ligado ao Magnésio no mesmo grânulo. Esse último elemento tem efeito sinérgico em relação ao Fósforo, favorecendo sua absorção pelas plantas. 

CONVERSA DE GENTE GRANDE

O agronegócio continua fazendo bonito



PULSAR IMAGENS


Segundo o Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Luís Carlos Guedes Pinto, em 2006, as exportações do agronegócio registraram avanço de 13,4% frente aos números apurados em 2005, quando totalizaram US\$ 43,6 bilhões, com superávit de US\$ 38,4 bilhões. O ministro destacou: "Apesar da valorização do real diante do dólar, da queda das cotações internacionais de alguns grãos e dos problemas sanitários e climáticos, o setor continua se expandindo fortemente. Isso se deve à competência dos nossos produtores e ao avanço tecnológico da agropecuária".

A SOJA ENERGIZA AS ESTATÍSTICAS

No que se refere ao ingresso de divisas, o principal destaque das exportações no ano passado foi o complexo soja, com faturamento de US\$ 9,3 bilhões. No segundo lugar do pódio, despontam as carnes, comercializadas junto a 147 mercados, que faturou US\$ 8,6 bilhões, salto de 5,5% sobre o período anterior. Em terceiro, ficaram os produtos florestais, com US\$ 7,8 bilhões.

O complexo sucroalcooleiro, responsável pelo quarto lugar na balança das exportações, adicionou US\$ 7,7 bilhões aos cofres brasileiros. Coube ao setor uma grande comemoração: o valor exportado de álcool mais que dobrou, saltando de US\$ 765,5 milhões em 2005 para US\$ 1,6 bilhão em 2006.

A aposta para 2007 – A expectativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento é de pelo menos repetir esse desempenho no ano que começa, registrando, respectivamente, crescimento entre 10% e 15% nas exportações e no superávit.

No início de fevereiro, engrossaram a onda de otimismo os números divulgados pela Conab, indicando que a safra brasileira de grãos para o ciclo 2006/2007 será de 126,5 milhões de toneladas, o melhor resultado da história, representando crescimento de 3,3 milhões de t sobre a safra 2002/2003, tida até então como a maior do país. Quando comparada à safra anterior (120,8 milhões de t), o aumento é de 4,7% (5,7 milhões de toneladas). 

Os mercados que fertilizam a balança comercial brasileira

O agronegócio brasileiro exporta para 212 países.	Estados Unidos	US\$ 7 bilhões
De acordo com o Ministério da Agricultura, isoladamente, em 2006, os principais compradores foram:	Países Baixos	US\$ 4 bilhões
	China	US\$ 3,8 bilhões
	Rússia	US\$ 3,1 bilhões
	Itália	US\$ 2,1 bilhões
	Alemanha	US\$ 2 bilhões



PESQUISA

A receptividade ao Bunge no Campo

No segundo semestre de 2006, o jornal *Bunge no Campo* desencadeou uma pesquisa junto aos seus leitores, com o propósito de avaliar seu grau de satisfação com esta publicação e de pedir sugestões de assuntos que poderiam ser aqui abordados. A pesquisa impressa, encartada na edição de setembro, nº 19, obteve bons índices de respostas, com percentual de retorno que ultrapassou os 2% do total de questionários enviados, que é a média de respostas para esse tipo de pesquisa.

Publicamos os resultados apurados, relativos aos pontos mais importantes da pesquisa, agradecendo a todos os que nos auxiliaram no sentido de aprimorar cada vez mais as pautas e os serviços abordados pela publicação.

Em questões abertas e semi-abertas, tivemos um retorno muito bom sobre as seções que mais agradam aos leitores. Lideram as preferências as seções *Seu Consultor*, *O Sucesso é Você*, as matérias sobre tendências de mercado, tecnologia e serviços (*Campos Modernos e Novas Fronteiras*), além de sustentabilidade (*Responsabilidade Ambiental*).

Também recebemos sugestões preciosas, que estarão mensalmente enriquecendo o nosso jornal, compartilhando informações, experiências, novas tecnologias e – é claro – a nossa boa prosa.

Muito obrigado a todos.
 Diretoria de Comunicação Corporativa da Bunge

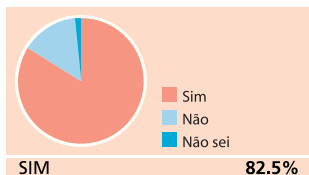
BUNGE no campo

Publicação da Bunge para os produtores rurais.
 Av. Maria Coelho Aguiar, 215 – Bl D 5º andar – São Paulo (SP) – 05804-900
 Projeto e coordenação: Diretoria de Comunicação Corporativa Bunge
 Supervisão: Roberta Correia

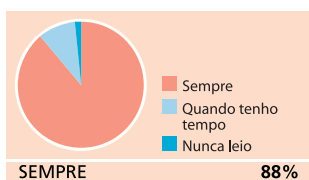
Criação e edição: Luc Comunicação Integrada (11) 5044-6099
 Sonia Cocuffo (Edição),
 Graziela Silva (Reportagens e textos),
 Alexandre Vianna (Diagramação).
 Pré-impressão e Impressão: Landgraf
 Tiragem: 20.300 exemplares

O QUE NOSSOS LEITORES RESPONDERAM

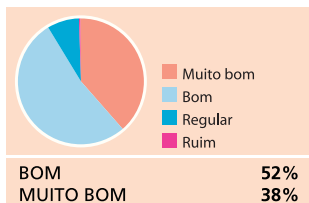
1 Você recebe o informativo *Bunge no Campo* regularmente?



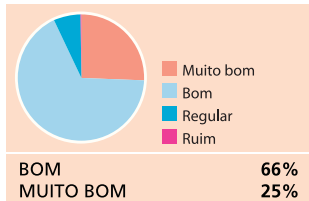
2 Com que frequência você lê o *Bunge no Campo*?



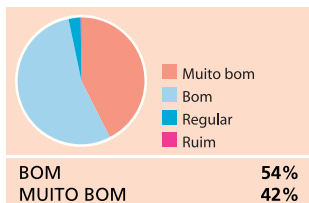
3 O que você acha do *Bunge no Campo* considerando os assuntos abordados?



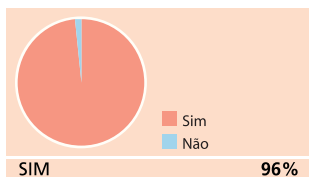
4 O que você acha dos textos do *Bunge no Campo*?



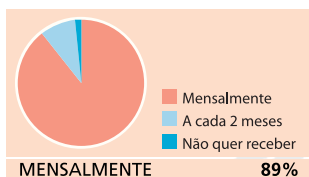
5 O que você acha do informativo considerando a aparência visual?



6 Você acha que as informações são claras e objetivas?



7 Você gostaria de receber o *Bunge no Campo*?



NOVAS FRONTEIRAS

Rede de armazenamento cresce, mas em ritmo ainda lento.



No Brasil, historicamente, a capacidade estática de armazenagem tem ficado abaixo da produção de grãos. E, apesar de ter registrado crescimento nos últimos anos, o ritmo ainda é lento. Há dez anos, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento, Conab, a capacidade de estocagem era de 89,71 milhões de toneladas. Atualmente, somando os armazéns cadastrados pela companhia, ela estaria em 122 milhões de toneladas.

A superintendente de Armazenagem e Movimentação de Estoques da Conab, Denise Decker, explica que o ideal é que a capacidade de armazenamento seja 25% maior do que o total da produção agrícola. Assim, o Brasil teria hoje um déficit de estocagem que vai além de 20 milhões de toneladas.

O pesquisador do Instituto de Economia Agrícola, IEA, Sebastião Nogueira Júnior, vê o assunto com mais otimismo, lembrando que, quando considerada a capacidade dinâmica de estocagem, percebe-se que há um equilíbrio entre a produção e capacidade de estocagem no Brasil. "Levando em conta a sazonalidade das culturas e a perecibilidade dos produtos, a capacidade de estocagem acaba sendo multiplicada por uma vez e meia. O

que nos coloca em uma situação de certa tranquilidade", acentua.

Outra questão apontada por profissionais do setor é a localização dos silos, que nem sempre coincide com a distribuição geográfica da produção. "Regiões como o norte do Mato Grosso e sul dos estados do Pará e do Maranhão, novíssimas áreas de fronteira agrícola, ainda não possuem uma estrutura de estocagem que dê conta da guarda da produção", lembra Denise.

A qualidade dos armazéns é outra pedra no sapato. Nogueira ressalta: "Faltam informações sobre a qualidade dos armazéns. O estado físico de algumas unidades de estocagem pode até estar comprometido". Para Denise, essa questão deve ser solucionada com a certificação dos armazéns, que possivelmente passará a ser obrigatória em 2007.

Um dado positivo verificado pela Conab em 2006 foi a ampliação do percentual de armazéns localizados dentro das fazendas. Há apenas seis anos, essas unidades representavam 4% da capacidade total de estocagem (que era de 87 milhões de toneladas). No ano passado, responderam por 15% das cerca de 121 milhões de toneladas.

